

ÁFRICA: UM NOVO OLHAR SOBRE UM MUNDO PLURALIZADO

José Macêdo de Melo¹

Universidade Estadual da Paraíba

jmacedomelo@hotmail.com

DESMISTIFICAÇÃO DA VISÃO OCIDENTAL SOBRE A ÁFRICA

Esse artigo traz como temática o continente africano o qual será visualizado a partir de um olhar crítico social levando em consideração a história social para uma melhor compreensão do processo histórico que envolve o povo africano desmistificando aquele conhecimento imaginário ocidental produzido durante o colonialismo entre os séculos XVI e XIX fruto de um eurocentrismo exacerbado.

O conhecimento construído pelos europeus sobre a África surge a partir do século XVI e predomina até o século XIX como real e absoluto, fundamentado no colonialismo baseado nos princípios políticos, étnicos e morais legitimando o saber ocidental frente outras nações. Nesse cenário foram produzidos certos conhecimentos sobre a África contidos certos equívocos, preconceitos fugindo assim da própria realidade africana, conhecimento típico imaginário inventado sobre uma realidade desconhecida aos olhos dos europeus voltados em função dos interesses capitalistas.

Significa dizer que o saber ocidental constrói uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, auto-imagens e estereótipos que compõem um “olhar imperial” sobre o universo. Assim, o conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento sobre o referido continente. (HERNANDEZ, 2005, p. 18)

A visão ocidental do mundo africano baseava-se numa imagem de inferioridade e primitivismo justificado na criação do termo africano atribuído ao negro com significações negativas entre as quais frouxo, indolente, incapaz.

¹ [Jmacedomelo@hotmail.com](mailto:jmacedomelo@hotmail.com). Estudante graduado do curso de História, com especialização em história do Nordeste, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Essa inferiorização atinge também o mundo cultural africano que excluí a África do contexto histórico cultural, afirmando que esse continente não tem passado, ou seja, não tem história.

A lógica discursiva ocidental é baseada nos três “Cs”: “C” de comércio, “C” de cristianismo e “C” de civilização que provocou uma certa cisão no contexto do colonialismo dividindo a África em branca aquela marcada pela presença ocidental e negra separada pelo deserto do Saara até então livre do contato europeu.

Torna-se, portanto, evidente a existência de duas Áfricas com aspectos geográficos diferentes, classificadas em estágios de desenvolvimento diversos povoadas por raças distintas, branca e negra, e, por fim, uma com e a outra sem história. Nessa perspectiva a África ao sul do Saara, até hoje conhecida como África negra, é identificada por um conjunto de imagens que resulta em um todo indiferenciado, exótico primitivo, dominado, regido pelo caos e geograficamente impenetrável. (HERNANDEZ, 2005, p. 21)

Em contrapartida autores críticos reagem a visão ocidental existente sobre o continente africano e sua população negra afirmando que a África possuía estruturas organizadas e complexas desde muitos anos antes a chegada dos europeus que ocorreu a partir do colonialismo.

Mattoso (2003), chama atenção para a realidade do negro na África antes do contato com o europeu afirmando que ele vivia numa organização política, econômica, social e cultural, possuía conhecimento do comércio, da navegação, da metalurgia, governava reinos, impérios além de possuir uma cultura ampla heterogênea justificada pela presença de várias línguas entre os diversos grupos étnicos africanos além de conhecer a agricultura de subsistência.

O escravo negro tornado mercadoria do século XVI ao XIX, mercadoria absolutamente indispensável ao Brasil, não vem de um continente desorganizado, sem cultura, sem tradições, sem passado. Apesar do que tenham dito ou pensado certos contemporâneos europeus ignorantes, no que tem de diferente e necessariamente inferior, o cativo africano, destinado a servir ao desenvolvimento das Américas remotas, tem personalidade e história. (MATTOSO, 2003, p. 24)

Foi nesse contexto que surgiu a idéia entre intelectuais africanos a necessidade de repensar o continente africano partindo de um novo prisma o da diversidade cultural para contrapor a visão ocidental.

Essa preocupação pela reconstrução da história da África surgiu em meados do século XX (1960) entre alguns intelectuais africanos entre eles, Ibn Battuta e Ibn Khaldun os quais se utilizaram da historiografia, da antropologia e da arqueologia surgindo um leque de objetos de estudos entre eles, cerâmicas, vidro, ferro, metal, peças de osso, além de outros considerados como documentos não-escritos. Outra fonte utilizada pelos intelectuais dessa época foi à tradição oral em virtude das informações orais passadas por elementos sociais de geração para geração sobre determinada temporalidade destacando-se nesse cenário os griots – contadores de histórias, menestréis, trovadores e animadores públicos responsáveis pelo resgate oral dos povos africanos.

MÃE ÁFRICA: O BERÇO DA HUMANIDADE

Há muito tempo a história ocidental tenta esconder a realidade sobre o surgimento da humanidade querendo para si esse atributo de que a origem humana é ocidental.

Pesquisas científicas mais recentes confirmam que a África é o berço da humanidade e que os negros africanos foram entre os primeiros a construir civilizações.

A ciência comprova que a evolução humana é decorrente do grupo dos hominídeos e que no decorrer dos tempos esses hominídeos foram evoluindo e interagindo com o meio ambiente dando origem a novas espécies. Na África Central uma dessas espécies deu origem ao Homo habilis – ou Homo sapiens – primeiro ser humano arcaico. Em 1972 foi encontrado por Richard Leakey o primeiro fóssil hominídeo chamado “Lucy”. Em seguida surgiu o Homo erectus descendente do Homo habilis responsável pelo povoamento da Ásia e da Europa.

A África é considerada a mãe de toda a humanidade em virtude da comprovação científica que mostra a existência do primeiro ser humano lá e também pela evolução de sua cultura e tecnologia como por exemplo a descoberta do fogo.

Mais uma vez, foi no Quênia que Richard Leakey encontrou uma importante ossada, dessa vez de um Homo sapiens sapiens. Trata-se do crânio Omo I, dotado de cerca de 120 mil anos atrás. Fisicamente, esse primeiro ser humano se parecia com um indivíduo do povo twa ou san, do sul da África. Era negro, de baixa estatura, com as feições bem africanas. Esse Homo sapiens sapiens africano migrou-se para a Europa, inicialmente, cerca de oitenta mil e cinquenta anos atrás. (NASCIMENTO, 2008, p. 58.)

Também foi comprovado cientificamente que a África é o berço da civilização devido à presença de um conjunto de elementos, entre eles, agricultura, criação de gado, metalurgia entre outros; que comprovam a existência da civilização. Um outro fato importante que chama atenção e coloca a África como civilização foi à presença na região do Saara e do Sudão dos sistemas de escrita dos akan e dos manding e os hieróglifos egípcios. Outra comprovação científica que torna a África uma civilização é a afirmação de que todo o conhecimento científico e filosófico da Grécia Antiga tem origem no Egito.

Os sistemas teológicos e filosóficos gregos também tem origem no Egito, onde vários de seus fundadores, como Sócrates, Platão, Tales de Mileto, Anaxágoras e Aristóteles, estudaram com os pensadores africanos. (NASCIMENTO, 2008, p. 65)

A ÁFRICA E O SEU DINAMISMO

Documentos escritos sobre a história da África mostram todo o processo dinâmico de formação política, econômica, social e cultural desse continente pré-colonial, de 1500 a 1800 como a presença de “reinos”, “Estados” e “impérios” significando ora sistemas de governo, ora modos de centralização ou descentralização administrativa.

Outro fator que caracteriza esse dinamismo na esfera econômica é a presença do comércio desde o século VII e seu crescimento entre os séculos XII e XVI baseado em

trocas envolvendo diferentes cidades do continente. Uma das mercadorias que fortalecia o comércio entre cidades africanas foi o escravo que de início se restringiu apenas o continente e posterior a Europa.

A origem da escravidão nas sociedades pré-coloniais africanas se deu devido os conflitos internos entre diferentes estados fomentando a captura de negros e transformando-lhes em escravos. A fome, a punição judicial por algum crime também eram mecanismos que tornava o negro africano em escravo.

A partir do século X registrou-se, ainda o desenvolvimento de um comércio regular de ouro, na África ocidental ao sul do Saara, em Burem (Gana), no Sudão ocidental, em Galan (Costa do Marfim) e em Bamako (Nigéria). (HERNANDEZ, 2005, p. 39)

O dinamismo reflete no aspecto social quando mostra que a família tradicional africana mantém uma relação de equilíbrio com a natureza retirando dela apenas o seu sustento, contrariando a visão capitalista moderna européia.

O conceito de família é amplo englobando um conjunto de parentes distantes e não somente aqueles elementos próximos considerados no mundo ocidental. Todos os componentes que constituem a família africana são denominados de irmãos que excluí o uso das palavras “primo”, “tio” e “tia”.

A família africana é uma categoria muito ampla, incluindo, além dos membros que no mundo ocidental são considerados “parentes diretos”, toda uma gama de “parentes distantes”, daí ser denominada família extensa. (SERRANO; WALDMAN, 2007, ps.127, 128)

Predomina entre os membros de cada família o sentimento de solidariedade e que se aprofunda nos ritos de iniciação até atingir um eu coletivo (socialização do ser) recebendo proteção contra qualquer perigo vindo de fora do seu grupo. A família é o centro de equilíbrio para o africano, a preservação e perpetuação das culturas e do continente.

O equilíbrio é justificado por um sistema de forças incluindo deuses, ancestrais e mortos das famílias. Existe uma relação de reciprocidade entre os vivos e os antepassados justificada no culto aos ancestrais onde o chefe da comunidade assume o papel de intermediário entre o mundo visível e o invisível, antecedendo junto com os ancestrais.

Assim, a comunidade corresponde a um espaço que sustenta constante relação recíproca entre os vivos e os antepassados, explicitada no culto aos ancestrais. Nessa concepção, um dos aspectos mais relevantes reside na importância do chefe da comunidade. (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 137)

A força vital está presente em todos os seres existentes: homem (tanto os vivos quanto os antepassados), animais, vegetais, seres inanimados (minerais, objetos, etc.) Essa força vital é constituída de uma energia positiva podendo ser ampliada o diminuída de acordo com o uso que o homem faz dela. Dentro da filosofia africana tradicional o mundo invisível é representado por homens ancestrais classificados em heróis, antepassados qualificados representados pelos fundadores dos clãs e das famílias mais antigas, chefes e curandeiros. Com relação aos homens vivos estão reis, os chefes das famílias, mulheres e homens mais velhos, os quais atuam como intermediários entre os elementos do mundo invisível e do mundo visível.

A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL

Um fato importante que justifica o dinamismo da cultura africana está na diáspora negra no Brasil com a presença do Candomblé, da Umbanda apesar de que esta tenha surgido no Brasil, do Congado, do Candombe com a permanência de mitos africanos trazido no seu imaginário e também por uma carga simbólica fundamental para a sua organização.

A cultura negra é o lugar das encruzilhadas. Na formação e constituição da paisagem cultural brasileira, podemos observar variados processos constitutivos derivados dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus e

indígenas. Desses processos de cruzamentos transnacionais e multiétnicos, variadas formações vernaculares emergem, algumas vestindo novas faces, outras mimetizando, com sutis diferenças, antigos estilos. (MARTINS, 2001, p. 64)

A diáspora negra permitiu o encontro de africanos de várias etnias em mundos desconhecidos que juntos conseguiram manter traços culturais africanos com uma nova roupagem como por exemplo o sincretismo religioso considerado uma forma de resistência do africano. A religião umbandista traz no seu interior os sistemas religiosos nagô, banto, católico, tupi-guarani, kardecista. É muito comum na Umbanda a dupla significância de um orixá como por exemplo: Nossa Senhora da Conceição santa católica é sincretizada com Iemanjá e assim sucessivamente.

No caso dos Congados predomina elementos culturais europeus com a presença de santos católicos Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito, São João, São Jorge etc. e elementos da cultura banto como Zambi, Calunga e ancestrais além da presença de elementos indígenas como os caboclos onde nos cortejos ocorrem danças, cantos, representações como por exemplo a coroação de Reis e Rainhas predominando traços culturais de tradições afro-ameríndio-européias.

As ações dos escravos atribuíram expressividade particular as idéias liberais, pois se exprimiram por intermédio das heranças culturais africanas reelaboradas no Brasil, tais como a coroação ou a formação de quilombos. A coroação de Reis e Rainhas apresentava na África um caráter político-social complexo, ao apontar simultaneamente, para o conservadorismo na manutenção de uma certa linhagem e para o dinamismo na perspectiva de substituição de um soberano por outro. (PEREIRA, 2006, p. 303)

O Candombe é constituído por elementos culturais de origem banto e do catolicismo surgido em terras brasileiras praticado em Minas Gerais. É um ritual que envolve canto e dança religiosos e se completa com instrumentos sagrados: três tambores; uma puíta de madeira; um ou dois guaiás (chocalhos de cipó trançado sobre cabaça, contendo contas de lágrimas de Nossa Senhora ou sementes similares). Nos cantopoemas são invocados Zambi e Calunga – elementos religiosos da cultura banto.

A afirmação de que o Candombe se relaciona as heranças culturais bantos implica dizer que a ponte entre Brasil e África se configura

como uma referência existencial para os afro-brasileiros, além de ser um fato histórico e social. Essa referência consiste na preservação e na mudança de um *modus vivendi* que teve a África como berço e o Brasil como terreno de reelaboração. (PEREIRA, 2006, ps. 311, 312).

O Candomblé chegou ao Brasil através dos africanos que chegaram em navios negreiros para trabalhar como escravos na colônia entre os séculos XVI e XIX, considerada feitiçaria pelos colonizadores e que só após a abolição da escravidão se transformou numa das religiões mais populares do país. É caracterizada pela presença do culto aos orixás, os quais se apresentam nos “terreiros” apresentando comportamentos, representações, personalidades próprias.

Os orixás tem características muito humanas: são vaidosos, temperamentais, briguentos, fortes, maternais ou ciumentos. Cada traço da personalidade é associado a um elemento da natureza e da sua cultura: o fogo, o ar, a água, a terra, as florestas e os instrumentos de ferro.

Na África Ocidental existe mais de duzentos orixás, mas apenas um pequeno número se faz presente nos “terreiros” brasileiros. Os mais cultuados são: Exu, Ogum, Oxossi, Obaluaiê, Ossaim, Oxumaré, Xangô, Oxum, Iansã, Nana, Iemanjá, Oxalá.

Entre esses orixás destaca-se Exu por ser o mensageiro entre os homens e os outros orixás, guardião da porta da rua e das encruzilhadas. Só através dele é possível invocar os orixás. Seu elemento da natureza é o fogo, sua personalidade é atrevido e agressivo. Nos “terreiros” de Candomblé sempre é saudado primeiro pelas criaturas humanas para que permita a ligação entre os orixás e seres humanos. É necessário que antes das cerimônias religiosas comecem ocorra a oferenda para Exu conhecida como “Padê” para que ele não atrapalhe a cerimônia. A palavra EXU significa ESFERA aquilo que é infinito, que não tem começo nem fim. As forças de Exu depende de como é invocado aqui na terra, se por um lado ajuda, pode prejudicar do outro, se introduz a ordem, também pode provocar a desordem isso dependerá da pessoa que o invocará. A sexualidade e a sensualidade também são características associadas a Exu.

No pantaleão dos deuses africanos, Exu é considerado uma força motora, geradora, criativa e onipresente, cuja existência se faz nas margens, nos limites, na limiaridade e nas múltiplas caracterizações. Representando a ambigüidade, a pelinragem, o imprevisível e o caótico, ele é também o mestre das encruzilhadas e das aberturas, conhecedor dos caminhos, início da vida, mensageiro da palavra e arauto entre os orixás e os seres humanos. (BARBOSA, 2001, pg. 155)

As cores de Exu são preto e vermelho, é o mais humano dos orixás, sendo de fácil relacionamento. Seu dia da semana é segunda-feira, é sincretizado com o demônio pelo catolicismo. Ogum é considerado o deus da guerra, do fogo e da tecnologia, suas cores são azul-marinho e verde-escuro, vermelho ou amarelo, sua personalidade é marcada pela impaciência e obstinação seu dia da semana é terça-feira é sincretizado com Santo Antônio na Bahia e São Jorge no Rio de Janeiro, seu elemento da natureza é o fogo. Oxossi deus da caça suas cores são azul ou verde-claro, sua personalidade é intuitivo e emotivo é sincretizado com São Miguel (PE), São Jorge (BA), São Sebastião

(RJ), seu dia da semana é quinta-feira, seu elemento é a terra. Obaluaiê é o deus das doenças de pele, da peste, ele é o médico, seu dia da semana é segunda-feira, sua personalidade tímido e vingativo, suas cores são vermelho e preto, é sincretizado com São Roque e São Lázaro, seu elemento é a terra. Oxumaré deus da chuva e do arco-íris, sua personalidade é sensível e tranqüilo, seu dia da semana quinta-feira, suas cores são azul-claro e verde-claro é sincretizado com São Bartolomeu, seus elementos são água e ar. Ossaim deus das folhas, ervas e medicamentos feitos a partir delas, sua personalidade instável, dia da semana quinta-feira, sincretizado com São Benedito, São Roque e São Jorge, suas cores são branco e verde-claro, elemento da natureza é a terra.

Xangô deus do fogo e do trovão, sua personalidade atrevido e prepotente, seu dia da semana é quarta-feira, sincretizado com São Pedro e São Jerônimo, suas cores são branco e vermelho, elemento é o fogo (raio, trovão). Oxum deusa das águas doces dos lagos, fontes e cachoeiras, personalidade maternal e tranqüila, seu dia da semana é sábado, sincretizada com Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Carmo, sua cor é amarelo ouro, elemento é água doce. Iansã deusa dos ventos e da tempestade, sua personalidade impulsiva e imprevisível, seu dia da semana é quarta-feira é sincretizada com Santa Bárbara suas cores vermelho ou marrom-escuro, seu elemento é o fogo (raio, vento e tempestade). Nanã Boruku deusa da lama e do fundo dos rios, sua personalidade vingativa, seu dia da semana é o sábado, sincretizada com Santa Ana e suas cores são branco e azul, seus elementos são água e terra. Iemanjá deusa dos mares e oceanos, personalidade maternal e tranqüila seu dia da semana é o sábado, sincretizada com Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes, suas cores são verde e azul-claro, seu elemento é água salgada. Oxalá deus da criação e representa o ar. Seu dia da semana é sexta-feira, personalidade equilibrado e tolerante, sua cor é branco. Sincretizado de duas maneiras: Oxaguiã, Oxalá jovem (Menino Jesus) e Oxalufã, Oxalá velho (Senhor do Bonfim).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que com esse artigo possa estar contribuindo para uma renovação do ensino de História da África atendendo as perspectivas do leitor através de um conhecimento real que se diferencia daquele imaginário ocidental fundamentado no eurocentrismo exarcebado e nos interesses capitalistas que negava os valores étnicos e culturais africanos. Proponho a cada leitor que se torne um agente multiplicador desse novo conhecimento para que juntos possamos combater os tabus que existem na sociedade em relação à África.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Maria José Somerlate. **EXU: “Verbo Devoluto”**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Visibilidade e Ocultação da Diferença. Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MATTOSO, Kátia M. de Queiros. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **A Oralitura da Memória**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Visibilidade e Ocultação da Diferença. Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A Matriz Africana no Mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Brasil/África: como se o mar fosse mentira** / [organizadoras] CHAVES, Rita. SECCO, Carmen. MACÊDO, Tania. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio. **Memória D’África: A Temática Africana em Sala de Aula**. São Paulo: Cortez, 2007.